

O CAVAQUINHO EM LISBOA: PRÁTICA, CONSTRUÇÃO E CONTEXTOS (C. 1821-1937).

Nuno Cristo © 2022

Introdução:

Embora ao longo de todo o século XX se tenha cimentado a ideia de que o cavaquinho é um instrumento do norte do país, e em particular do Minho, a evidência histórica mostra que Lisboa foi um dos locais privilegiados de entrada desse pequeno cordofone em Portugal continental.¹

Decorria o ano de 1820 quando chegou a Lisboa o geógrafo italiano, Adriano Balbi, para elaborar um estudo estatístico do reino de Portugal. A obra publicada em Paris em 1822, contém a mais remota referência, até agora encontrada, a um cordofone com o nome “cavaquinho”: << Joaquim Manoel, mulâtre de Rio-Janeiro, doué d’un rare talent pour la musique, renommé surtout pour jouer parfaitement d’une petite viole française de son invention, appelée *cavaquinho*.>> (p. ccxii) (Joaquim Manoel, mulato do Rio de Janeiro, dotado de um raro talento para a música, famoso sobretudo por tocar com perfeição uma pequena viola francesa de sua invenção, chamada cavaquinho). Mas a presença do instrumento em território português (Brasil) é algo mais antiga; dois testemunhos de 1820 confirmam a existência de uma <<*guitare*>> de pequenas dimensões na mesma cidade tocada pelo mesmo virtuoso: << Mais pour l’exécution, rien ne m’a paru plus étonnant que le rare talent, sur la guitare, d’un autre mulâtre de Rio de Janeiro, nommé Joachim Manoel. Sous ses doigts, cet instrument avoit un charme inexprimable, que je n’ai jamais retrouvé chez nos guitaristes européens les plus distingués. Le même musicien est aussi auteur de plusieurs modinhas, espèces de romances fort agréables, dont M. Neucum a publié un recueil à Paris.>> (Freycinet 1827 [1820]: 216) (Mas para a execução, nada me pareceu mais surpreendente do que o raro talento, na viola [francesa/violão], de outro mulato carioca, chamado Joachim Manoel. Sob os seus dedos, esse instrumento tinha um encanto inexprimível, que nunca encontrei entre os nossos mais distintos violistas europeus. O mesmo músico é também autor de várias modinhas, espécie de romances muito agradáveis, dos quais M. Neucum

¹ Como o violino, o bandolim, e a viola (violão), também o cavaquinho chegou a Portugal de além fronteiras.

publicou uma colectânea em Paris). <<Quoique nous soyons fatigués, nous sommes obligés d’aller à un thé chez M.^{me} Lizaur et à pied, ce qui est le plus ennuyeux. Nous sommes dédommagés de notre peine, car nous entendons un artiste jouer supérieurement de la guitare avec un instrument grand comme la main. Cet homme en tire un parti extraordinaire et de sons étonnants.>> (Rivière 1996 [1820]:168) (Embora cansados, tivemos de ir tomar chá à casa da Madame Lizaur e a pé, que foi o mais aborrecido. Mas fomos compensados pelo nosso incómodo, porque ouvimos um artista tocando viola [francesa/violão] de uma forma superior com um instrumento do tamanho de sua mão. Este homem tira um partido extraordinário [do instrumento] e sons incríveis).²

Contextos sociais:

A chegada do cavaquinho ao espaço alfacinha parece ter sido facilitada pelo retorno da família real em 1821, constituindo então uma novidade organológica associada à nobreza. Assim, o celebrado olissipógrafo João Pinto de Carvalho [Tinop] (1939: 145) informa que na primeira metade do séc. XIX (após 1836) a filha do <<criado particular>> de D. Fernando, Maria Carolina Cart <<tocava deliciosamente cavaquinho.>> com apenas sete anos.³ Outras referências do mesmo autor situam o cavaquinho no ambiente burguês lisboeta desde c. 1839: <<Um instrumento de cordas, que, concomitantemente com a guitarra, logrou certa voga nos meados do século xix, foi o cavaquinho. Dois mestres de dança muito conhecidos, o Meyrelles e o preto

² Balbi, Adrien. 1822. *Essai Statistique sur Le Royaume de Portugal et D’Algarve*. Vol. II Paris (p. ccxiii). [Link](#)
Neste estudo sigo a definição de cavaquinho avançada por mim em 2019 (pp. 23-26), isto é, a redução à oitava da viola/guitarra francesa (violão).

Cristo, Nuno. 2019. “Decolonizing the Cavaquinho: A New Narrative.” in *Studia Instrumentorum Musicae Popularis* (New Series) VI. Edited by Gisa Jähnichen. Berlin: Logos, (19-40). [Link](#)

Freycinet, Louis Claude Desaulses de. 1827-39. *Voyage autour du monde*. Vol. 1. Paris: Pilet: 216.

Rivière, Marc Serge (tradução e edição). 1996. *A Woman of Courage: The Journal of Rose de Freycinet on her Voyage around the World 1817-1820*. Canberra: National Library of Australia: 168. [Link](#)
[traduções minhas].

Citado em Budasz, Rogério. 2001. “The Five-course Guitar (Viola) in Portugal and Brazil in the Late Seventeenth and Early Eighteenth Centuries” Dissertação de Doutoramento, Faculty of the Graduate School, University of Southern California. (p. 72 n. 34-35). [Link](#)

³ Carvalho, João Pinto de [Tinop]. 1939 (ed. póstuma). *Lisboa de Outrora*. Vol. III. Lisboa: Grupo Amigos de Lisboa. [Link](#)

A menina Cart, que recebera de D. Maria II a alcunha de Maria Sabida, foi mais tarde professora de música de D. Maria Pia.

Herculano Mercês, faziam se sempre acompanhar do cavaquinho, quando iam dar lições a casa dos discípulos.>> (1903: 15) <<Justino Soares começou por acompanhar, com o cavaquinho, as lições de dança dos professores Herculano Mercês e Meireles, e desta convivência lhe veio a sua fúria dansatriz, como diria Filinto Elísio. >> (1939: 114).⁴

Um dicionário de 1842 confirma que o cavaquinho era então em Lisboa um instrumento ainda pouco conhecido, equiparando-o a uma <<pequena bandurra, ou violinha; machete, tóca com quatro cordas só em sôm agudo; instrumento múzico pouco uzado.>>, ignorando portanto o cavaquinho hexacórdio que como veremos, terá sido o original.⁵

Se de início, o cavaquinho ocupou na capital um lugar privilegiado no topo da sociedade alfacinha, por meados da década de 1840 já se tinha popularizado. Rapidamente, o cavaquinho passa a ser “visível” no contexto urbano figurando logo em 1845 num pátio da capital: <<[...] havia *balancé* de cavaquinho e flauta, e petisco de figado e salada.>> (Castilho 1845: 389),⁶ e em 1848 é referido numa taberna da Madragoa: <<Entre os requebros do preto para a dama, não esquecia o costume patriarchal do *batuque* misturado com o *lundum* dos brasileiros, baile acompanhado pelo som de um sebento cavaquinho, que o dono da tasca tinha comprado para entretenimento dos freguezes, e que era tocado por um dos soldados, [...] Vinha de Buenos-Ayres, e passando por aquelle sitio, entrei n’uma taberna, e mandei fazer uma bebida quente, porque trazia frio. Assentei-me n’um banco, e em frente me ficavam, entretendo-se com um cavaquinho e bebendo, dois soldados, aquelle preto, que alli está, e essa desgraçada, que foi levada em braços; [...]>> (Carvalho 1891: 7-10, 18).⁷

⁴ Carvalho [Tinop], João Pinto Ribeiro de. 1903. *História do Fado*. Lisboa: Livraria Moderna. [Link](#)
Mercês morreu antes de 1850, e já era professor de dança em 1839 (Carvalho 1939 vol III: 113).

⁵ Couto, Antonio Maria do. 1842. *Diccionario da Maior Parte dos Termos Homónymos, e Equívocos da Lingua Portuguesa*. Lisboa: Typographia de Antonio Joze da Rocha (p. 45). [Link](#)

⁶ Castilho, Antonio Feliciano de. 1845. “Tragicomedia N’um Pateo” in *Revista Universal Lisbonense*, Tomo IV. Lisboa: Imprensa da Gazeta dos Tribunaes (p. 389). [Link](#) [Link](#)

⁷ Carvalho, João Cândido de. 1891. *Os Mysterios do Limoeiro*. Vol. I (Nova Edição). Lisboa: Typ. da Companhia Nacional Editora (pp. 7-10, 18) (citado Cristo 2019: 31 n. 48). [Link](#)
[a 1ª ed. (1849) e a 2ª ed. (1865) têm o título: *Eduardo ou Os Mysterios do Limoeiro*]. Ver imagem na p. 34. João Cândido de Carvalho é também conhecido por “Padre Rabecão” por ter sido proprietário e redactor do periódico *O Rabecão: Escripto do Povo* (1846-1848). Ver pp. 10-11 n. 26; pp. 33-34 n. 74, 75.

Na segunda metade do século XIX, vão-se multiplicando as referências ao cavaquinho nos ambientes de entretenimento típicos da época, nos retiros fora de portas onde o vinho era mais barato e o lisboeta comum passava o fim-de-semana em cantorias e a petiscar peixe frito com a imprescindível alface: <<até ao ignorado *fadista*, que arranha nas *hortas* as cordas de um cavaquinho, [...]>> (A *Semana* 1852: 497), <<Depois canta-se em côro alegre moda,/ Ao som do cavaquinho acompanhada,/ E aquella *santa* gente pula toda/ em dança muito bem cambaleada;>> (Araujo 1859: 328), <<Farei que o men [sic] povo se entretenha/ Ao domingo nas hortas; e que tenha/ Todo elle habilidade e bom geitinho/ P'ra tocar o fandango em cavaquinho.>> (Araújo 1860: 22), << Proscripta a guitarra, que figura só hoje nas mãos de Figaro no Barbeiro de Sevilha, deixada a viola aos camponeses, e o cavaquinho aos frequentadores das hortas, quasi tudo o que fica raras vezes póde accender o estro de qualquer individuo isolado.>> (Lopes de Mendonça 1860: 11), <<[no S. João] Na praca da Figueira, o costume: borborinho e chilreada. No Rocio, guitarras, flautas e ferrinhos. Nas ruas bombas e buscapes. Nas janellas, mangericões e phosphoros de côres. Na feira do alto da Avenida um verdadeiro inferno de realejos que gemem, de bombas que ensurdecem, de rolhas que saltam, de truões que berram. Nas hortas, balões, lanternas multi-côres, galhardetes, banzas e cavaquinhos, peixe frito e sallada.>> (Santilhana 1887: 2).⁸

A produção teatral é também uma importante fonte de referências à prática do cavaquinho oitocentista na capital. Numa comédia-drama estreada em 1859, situa-se o cavaquinho nos arrabaldes de Lisboa tocado por um ferrador <<[Cesar] Sou o encarregado de os fazer dançar, porque n'esta terra não ha quem [p. 39] toque senão viola franceza ou cavaquinho, e esses mesmos são o mestre barbeiro e o ferrador.>> (Serra 1859: 38-39).⁹ Uma outra peça levada à

⁸ A *Semana*, *Jornal Litterário*. Vol. II. Junho, 1852. Num. 45 (p. 497). [Link](#)
Arquivo Universal, Revista Hebdomadaria Vol. 1. Anno 1859 Nº 25, 20 de Junho, 1º Anno (p. 397). [Link](#)
Araujo, J. I. D'. 1859. "Um passeio ás hortas" in *A Illustração Luso Brasileira / Jornal Universal* Vol. III. Lisboa: Typographia de A. J. F. Lopes (pp. 328, 335). [Link](#)
Araújo, José Ignácio de. 1860. *Um bico em verso, scena comica*. Lisboa: Typographia do Panorama (p. 22). [Link](#)
Lopes de Mendonça, Antonio Pedro. 1860. *Scenas e phantasias de nossos tempos*. Lisboa: Typographia Universal. Livraria de A. M. Pereira (p. 11). [Link](#)
Santilhana. 1887. "Chronica" in *Illustracao Portuguesa* 27 de Junho de 1887, 3rd Anno, Numero 50 (p. 2). [Link](#)
⁹ Serra, Francisco Ferreira. 1860 [1859]. *O amor e o dever: comedia-drama original em tres actos*. Lisboa: Typographia do Panorama (pp. 38-39). [Link](#)

cena em 1872, menciona um sapateiro em Vila Franca tocador de cavaquinho <<[José Diogo] Mas o pior é que havendo prevenido tudo esqueceu-me da musica e venho aqui para o seu Seabra me escrever um bilhete ao mestre Antonio, que é o barbeiro acolá da esquina, para vir com a guitarra, o filho com a flauta, e o sobrinho sapateiro com o cavaquinho. Eu, pelo telegrapho, ainda podia mandar chamar a Lisboa os cegos da casa-pia, mas uma guitarra, uma flauta e um cavaquinho é musica muito decente para uma tourada em familia. Não acha, sr. Seabra?>> (Araújo 1872: 14).¹⁰ Em 1873, Luís Augusto Palmeirim refere-se a este contexto extra-cidadino na sua descrição de “O Barbeiro da Aldeia” <<[...] e ainda por cima toca cavaquinho e flauta, [...], o barbeiro occupa os raros instantes que lhe sobejam das suas multiplices cogitações em tirar do ingrato cavaquinho, sons, que elle cuida serem o desespero dos rouxinoes que a ama do cura traz engaiolados, [...]>> (1873: 122-123).¹¹

Também nas festas de Alfama, nos santos populares, o cavaquinho marcava presença: << Noutro tempo a noite de Santo António era a mais divertida e animada de todo o anno. [...] os sons da viola, do cavaquinho e do pifano, porfiavam em desconcertar o timpano do burguez audacioso, que tentasse dormir nessa grande noite.>> (*Arquivo Universal* 1859: 397), <<Hontem, pois, que era vespera de Santo Antonio, fui para a Praça da Figueira acompanhado d’um cavaquinho e duas violas francezas, arejar o meu pobre clarinete.>> (Barella 1887: 187).¹² O cavaquinho está também associado às primeiras sociedades de “solidó”: <<sol e dó de cavaquinho>> (*Democrito* 1865), <<[...] e uma sociedade fadista de sol e dó./ Sol e Dó/ Musica typica de violas e cavaquinhos.>> (Araujo 1875: 15).¹³

Comparando criticamente a prática musical de seu tempo com a da Antiguidade Clássica, E. A. Vidal escreve em 1874: <<Hoje não, hoje a bardaria social dedilha nos cavaquinhos de tres cordas,

¹⁰ Araújo, Luiz de. 1872. *A baroneza dos dentes: quadro de costumes em 1 acto*. Lisboa: Livraria de Joaquim José Bordalo (p. 14). [Link](#)

¹¹ Palmeirim, L. A. 1873. “O Barbeiro da Aldeia” in Rangel de Lima, Francisco. 1873. *Artes e letras (revista de Portugal e Brasil)* Vol. 2 (2º Anno). Lisboa: Rolland & Semiond (pp. 122-123).

¹² *Arquivo Universal, Revista Hebdomadaria* Vol. 1. Anno 1859 Nº 25, 20 de Junho, 1º Anno (p. 397). [Link](#)

Barella, Leoncio Vasques [Pan-Tarantula]. 1887. “Por Ahi...” in *O Antonio Maria* 16 de Junho de 1887 (p. 187). [Link](#)

¹³ *Democrito* Nº 5, 18 de Junho de 1865 (citado Luz Soriano 1888: 409).

Luz Soriano, Simão José da. 1888. *Vida do Marquez de Sá da Bandeira*. Tomo II. Lisboa: Typographia da Viuva Sousa Neves (p. 409). [Link](#)

Araújo, Luiz de. 1875. *O Frontão Municipal*. Lisboa: Livraria de Joaquim José Bordalo (p. 15). [Link](#)

e assentada à porta das oficinas ou nas barricadas das mercearias cooperativas, prorompe n'uma chiada homérica: *Pão pão, queijo queijo!*>> (Vidal 1874: 36), numa interessante e inédita referência ao cavaquinho tricórdio em Lisboa.¹⁴

Por volta de 1882, o cavaquinho sobe de novo aos palcos do teatro, escrevem-se partituras com ele relacionadas e em 1885 é mencionado em reflexões sobre a Música em Portugal: <<quando depois na pratica, todos soubessem fazer vibrar as cordas d'um cavaquinho, soprar n'um trombone ou n'um fagote, [...]>> (Fonseca 1885: 11).¹⁵

Em 1888, pelo menos três periódicos noticiam a formação de uma estudantina de amadores em Lisboa, possuindo cavaquinhos no seu diversificado instrumental.¹⁶

E já na última década de 1800, aparece também nos passeios na outra banda: <<Formou-se uma contradança,/ Bem depressa junto ao tanque,/Tocava a guitarra o Blanc,/E o cavaquinho o Bragança.>> (L. D'A. 1896: 3).¹⁷

¹⁴ Vidal, E. A. 1874. "Contos e Gravuras" in *Almanach das Artes e Letras*, 1º Anno, 1874. Lisboa: Rolland & Semiond [27-38] (p. 36). [Link](#)

Existem também referências a pequenos cordofones tipo viola com três cordas, na região do Porto: Kingston, William Henry Giles. 1845. *Lusitanian Sketches of the Pen and Pencil*. Vol. I. London: John W. Parker (p. 81). [Link](#)

Kingston, William Henry Giles. 1862. *My Travels in Many Lands*. London: W. Kent & Co. (p. 27). [Link](#)
Uma fotografia de 1890 por Guilherme Boldt, Porto, mostra um rapaz a tocar um cavaquinho tricórdio.

¹⁵ Rocha, Julio. 1884. *Á roda da Política*. Lisboa: Typographia Popular (pp. 82-83). [Link](#)

Jacobetty, Francisco and Rio de Carvalho, *O microbio: revista de 1884 de F. Jacobety: músicas das coplas mais applaudidas: tenho um cavaquinho... tra la la...: redução para piano forte*. Lisboa: Lith. R. das Flores (citado Silva 2011: 294). [Link](#)

Silva, João Luís Meireles Santos Leitão da. 2011. "Music, theatre and the nation: The entertainment market in Lisbon (1865-1908)". Tese de Doutoramento, Newcastle University, School of Arts and Cultures (p. 294). [Link](#)

Fonseca, Magalhães. 1885. "A Musica em Portugal" in *A Ilustração portugueza: semanario revista litteraria e artistica*. Vol. 2. N.1 (p. 11). [Link](#)

¹⁶ *Jornal da Noite*, 18º anno, N.º 5:287, 4 de Março de 1888 (p. 1). [Link](#)

Commercio do Minho, Ano XVI, Nº 2235, 8 de Março de 1888 (p. 2). [via Adamo Caetano].

Dias, Padre Guilherme. 1888 [12 de Março]. "Noticias de Lisboa" in *Diario de Noticias* 3 de Abril 1888. Anno IX?, Num. 75?, Pará (p. 3). [Link](#)

¹⁷ L. D'A. 1896. "Grande passeio a outra banda" [4 de 10] in *Diario Ilustrado*, 25 Anno, n. 8: 402, 11 de Agosto de 1896 (p. 3). [Link](#)

A influência madeirense:

A partir de 1870, com o estabelecimento (ou passagem) de construtores e executantes madeirenses na capital, vai sendo retomada a prática burguesa do cavaquinho (via machete) que entretanto se tinha perdido.

Duas notícias de 1871 num periódico lisboeta mencionam a executante Amélia Augusta de Azevedo, oriunda do Funchal.¹⁸ A primeira, referente a uma <<soiré musical dos srs. Marquezes de Penalva>>, aparece com um erro <<Variação de *Machesinho*>>, o que sugere a designação “machetinho”. Mas dois dias depois, a correção indica <<*Variações do carnaval de Veneza no machete*, [...] descrevendo o instrumento como <<quasi desconhecido em Lisboa, [...], e que tocado com o piano imita os sons da harpa.>>¹⁹

Em 1872 surge uma curiosa referência a uma sociedade de músicos amadores em Lisboa que organizava concertos de cavaquinho sob a direcção do rabequista madeirense Agostinho Martins Junior²⁰:<<Há em Lisboa uma sociedade de musicos amadores, que emprehendeu uma novidade e soube realisar-a. São os concertos de cavaquinho, organizados e dirigidos pelo sr. Agostinho Martins, da ilha da Madeira. Não se poderá calcular sem os ouvir o grau de perfeição a que estes artistas – ha na sua aptidão e no seu talento bastantes titulos para merecerem este nome – conseguiram attingir. O cavaquinho é, como se sabe, um instrumento predilecto da Madeira, e o sr. Agostinho Martins e a sua orchestra fizeram d’elle verdadeiros milagres!>> (Rangel de Lima 1872: 160).²¹ Existe também evidência de uma <<orchestra madeirense>> actuando em 1873 em <<*soires, pic-nics, regatas e passeios nocturnos dos vapores do Tejo* [...]>> (*O Direito* 1873).²²

¹⁸ Biografia: [Link](#)

¹⁹ *Jornal da Noite* Nº 38, 14 de fevereiro de 1871, 1º anno (p. 1). [Link](#)

Jornal da Noite Nº 16 de fevereiro de 1871, 1º anno (p. 2). [Link](#)

²⁰ Biografia: [Link](#)

²¹ Rangel de Lima, Francisco. 1872. *Artes e letras (revista de Portugal e Brasil)* Vol. I (1º Anno). Lisboa: Rolland & Semiond (p. 160). [Link](#)

²² *Jornal da Noite* Nº 848, 30 de Setembro e 1 de Outubro de 1873, 3º anno (p. 1). [Link](#)

Jornal da Noite Nº 850, 2 e 3 de Outubro de 1873, 3º anno (p. 1). [Link](#)

Freitas, Manuel Pedro S. 2008. “Grupos Musicais Madeirenses entre 1850 e 1974” in *A Madeira e a Música: Estudos (c. 1508-c.1974)*. Funchal 500 Anos [401-514] (pp. 412, 506 n. 19) [citando *O Direito*, 1 de Novembro, 1873]. [Link](#)

Anos mais tarde já em 1882, no anúncio de um concerto no teatro da Trindade, revela-se que Amélia Augusta de Azevedo tocou no machete o “Carnaval de Veneza” e as valsas “Saudade”, “Toujours” e “Remember”. E no ano seguinte, numa *soirée* em casa <<[...] do sr. dr. Vaz Monteiro [...] Executou no *machete*, instrumento que é novidade em Lisboa, [...], recebendo bastantes applausos e sendo acompanhada ao piano pela sr.^a D. Virginia Vaz Monteiro.>>²³

Mas porquê esta insistência de que o machete era <quasi desconhecido>> ou <<novidade>> em Lisboa, se já se tocava cavaquinho feito na capital desde a primeira metade do século? De notar que a notícia de 1872 atrás mencionada não diferencia entre machete e cavaquinho.

A questão torna-se ainda mais paradoxal se atendermos a que c. 1870 o violeiro madeirense Manuel Pereira [dos Santos] se estabeleceu em Lisboa, passando a produzir cavacos/cavaquinhos como se pode ler nos anúncios que fez publicar em periódicos e em rótulos que sobreviveram.²⁴

Seria o machete assim tão diferente do cavaquinho, ou seria o contexto aristocrático/burguês a razão para o diferenciar? o nome? talvez a forma? De facto, Amélia Augusta de Azevedo tocou um machete na Exposição Universal de Paris em 1889 com uma forma atípica semelhante a uma viola francesa da autoria de Octaviano João Nunes da Paixão (1812-1874).

²³ *Jornal da Noite* Nº 3384, 13 e 14 de Abril de 1882 (p. 2). [Link](#)

Jornal da Noite Nº 3628, 29 e 30 de janeiro de 1883 (p. 1). [Link](#)

²⁴ *Jornal da Noite* Nº 1922, 9 e 10 de Maio de 1877, 7º ano (p. 4). [Link](#)

Jornal da Noite Nº 2436, 30 e 31 de janeiro de 1879, 9º Ano (p. 4). [Link](#)

O Pimpão N. 349, 27 de Maio de 1883 (p. 4).

O Pimpão N. 350, 3 de Junho de 1883 (p. 4). [Link](#)



Amélia Augusta de Azevedo, Paris 1889. ²⁵



Viola Francesa de forma atípica por Octaviano João Nunes (antes de 1874).

A mesma forma de machete aparece numa fotografia de 1890 da Orquestra Característica da Madeira, liderada pelo rabequista Agostinho Martins Junior que cerca de vinte anos antes, organizava <<concertos de cavaquinho>> em Lisboa. Na imagem, o maestro ao centro segura o que parece ser uma requinta de machete, também dito “machetinho”.

²⁵ *Revista de la Exposición Universal de Paris 1889*. Barcelona: Montaner Y Simón (p. 428). [Link](#)
No desenho da machetista pode-se ver claramente o uso de uma unha postiça no polegar direito.



Orquestra Característica Madeirense, por Vicentes Photographos, Funchal 1890 (detalhe).



Machetes de forma atípica 1889 e 1890 (detalhes).

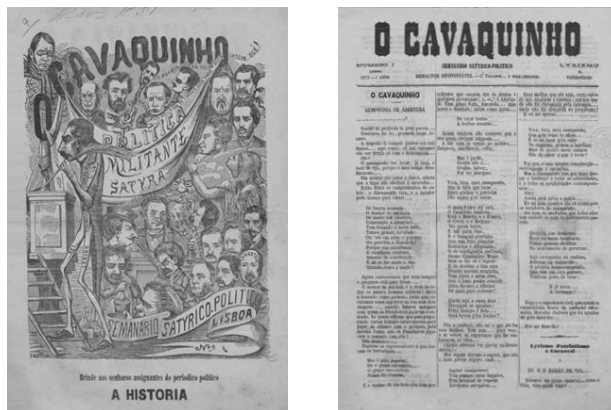
O cavaquinho e a política:

O carácter polissémico do termo “cavaquinho” foi desde cedo aproveitado e cultivado pela imprensa satírica, como alusão ao discurso político. Cerca de 1847, um texto algo contraditório descreve o cavaquinho: <<É Instrumento Popular. Não entra nas sallas dos grandes, nem mesmo se dignam fallar de quem o toca, [...] porque a fallar verdade um Barimbáu, uma Gaita, uma Samphona, e um Cavaquinho não são instrumentos dignos de serem tocados, senão por homens do Povo, [...] o Cavaquinho é tocado pelo Barbeiro, pelo Alfaiate, pelo Çapateiro, pelo Funileiro, pelo Carpinteiro, pelo Caldeireiro, pelo Merceneiro, pelo Caixeiro, pelo Fabricante; [...] Tim... tom... tim...tom... tim... tim... tiri-tim... tiró... tim... tiri... tiri... tim... tim... [...] vejam quatro mil

cavaquinhos a tocarem; quem diabo se ha-de entender com tanto toque de cavaquinho? – Tirim... tirom... tirim... tirim... tim... tiri... tiri... tiró-tiri...>>.²⁶ Iniciava-se assim a vida política do cavaquinho em Portugal, uma tradição que já existia no Brasil desde pelo menos 1833.²⁷

Ainda no contexto da crítica à classe política: <<Outro [ministro] passaria as noites em casa de alguma deusa mais achacada, e matar-lhe-ia aborrecimentos, cantando modinhas ao som do cavaquinho.>> (Pinto 1868: 107), <<Os intervallos serão prehenchidos com solos de cavaquinho, pelo dr. Fausto.>> (*O Pimpão* 1876: 2), <<O Barjona arranha o fado no piano, mas d’ouvido. O Fontes, esse sim, toca cavaquinho por solfa que até faz inveja ao Antonio Casaca.>> (*O Pimpão* 1876: 4), <<É pôr logo ali os nomes:/ Ao Fontes, o Cavaquinho,/ A quem fôr Gomes o Gomes,/ E ao Barros o Maluquinho.>> (*O Pimpão* 1879: 2).²⁸

Em 1872 começa a ser publicado em Lisboa o semanário intitulado *O Cavaquinho* confirmando o seu grande apelo junto da imprensa satírico-política.²⁹



***O Cavaquinho*, Lisboa 1872 (pp. 1-2).**

²⁶ “O Cavaquinho”, *O Rabecão, Escripto do Povo* N. 41. Lisboa: Typ. Liberal de Lucas Evangelista (citado Cristo 2019: 26 n. 27). Biblioteca da Universidade de Coimbra [RC-27-8]. [Link](#)

Embora não datada, a narrativa menciona o periódico *O Estandarte*, publicado pela primeira vez em Lisboa no ano de 1847.

Ver p. 3 n. 7.

²⁷ *Marmota*, N. 7, August 17, 1833 (p. 3). [Link](#)

²⁸ Pinto, Marcos. 1868. *A Parvonia: recordações de viagem*. Lisboa: Typographia de M. de Jesus Coelho (p. 107).

[Link](#)

O Pimpão. Lisboa 1876 N.º 3 (p. 2); 1876 N.º 5 (p. 4); 1879 N.º 122 (p. 2). [Link](#)

²⁹ *O Cavaquinho*, Semanário satyrico-político. 1872. Lisboa: Typographia Progressista. [Link](#) Via Gil Raro.

É a partir dessa década que o cavaquinho passa a servir de apetrecho ao estadista António Maria de Fontes Pereira de Melo e outros políticos, algo muito explorado nas sagazes caricaturas por Raphael Bordallo Pinheiro entre outros.³⁰



O Antonio Maria, 10 de Julho de 1879 (detalhe da p. 36).³¹

³⁰ Nemorino, Arcadio. 1873. *A Conquista da Cruz*. Lisboa: Imprensa de Joaquim Germano de Sousa Neves (pp. 6, 9, 40, 43-45). [Link](#)

O Pimpão. Lisboa 1876 Nº 3 (p. 2).

O Pimpão. Lisboa 1876 Nº 5 (p. 4).

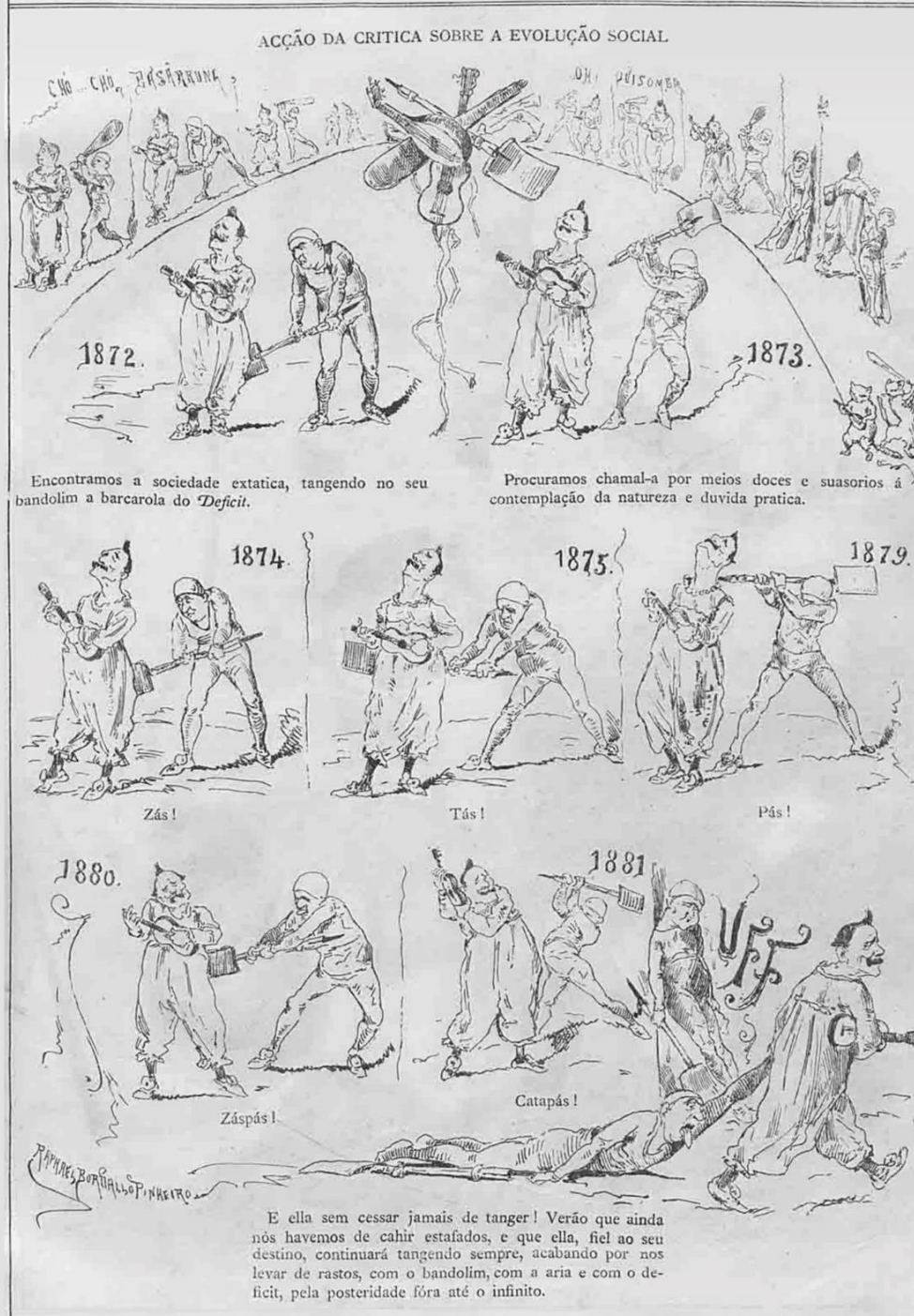
O Pimpão. Lisboa 1879 Nº 122 (p. 2).

O Pimpão. Lisboa 1879 Nº 127 (p. 1). [Link](#)

O Antonio Maria, 1 de Abril, 1880 (p. 114). [Link](#)

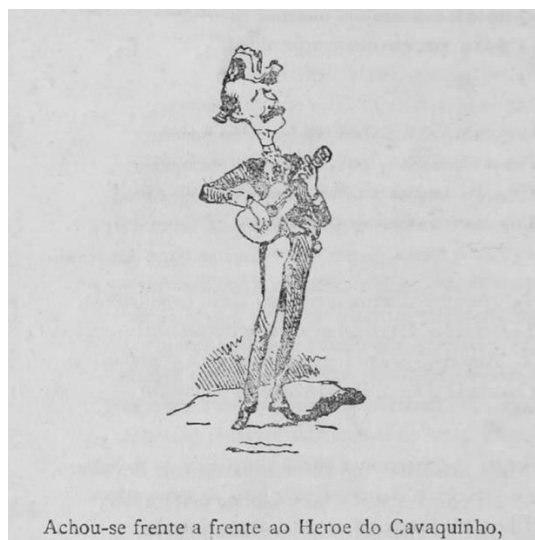
³¹ *O Antonio Maria*, 10 de Julho, 1879 (p. 36). [Link](#)

Museu Calouste Gulbenkian. 1983. *Exposição Internacional de Guitarras*. Lisboa: Of. Gráf. MAP (fig. 65).



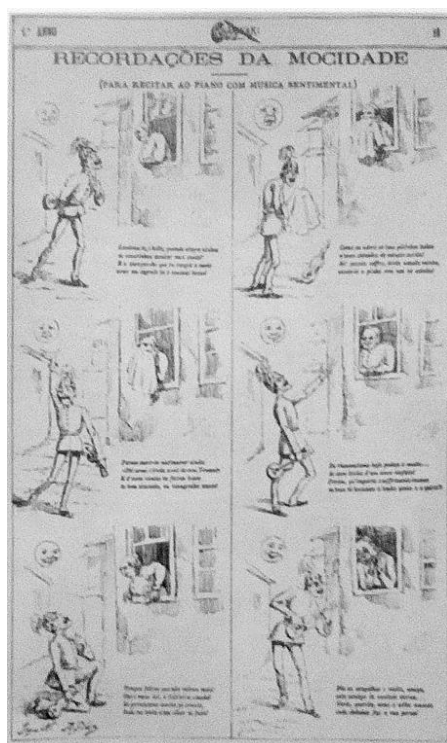
O Antonio Maria, 5 de Janeiro, 1882. ³²

³² O Antonio Maria, 5 de Janeiro, 1882 (p. 7). [Link](#)
De notar que o autor chama <<bandolim>> ao cavaquinho.



Achou-se frente a frente ao Heroe do Cavaquinho,

Fontes Pereira de Melo – o <<Heroe do Cavaquinho>>. ³³



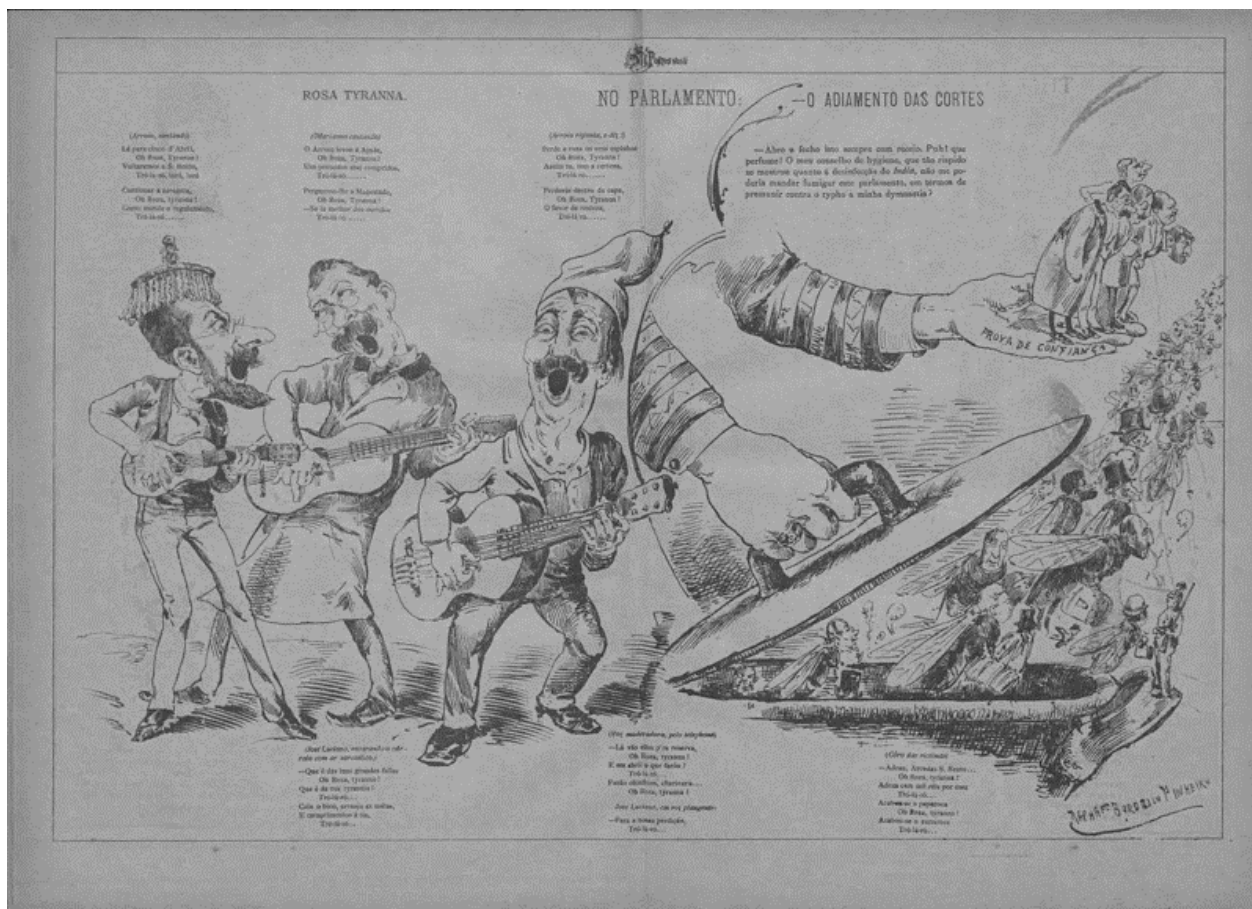
Charivari, 1886. ³⁴

³³ Marraschino & C.ª 1885. *A Velhice da Madre Eterna*. Rio de Janeiro: Emprenza Litteraria Fluminense (p. 64).

[Link](#)

³⁴ *Charivari*, 1886 (p. ?).

Museu Calouste Gulbenkian (1983: fig. 59).



Pontos nos ii, 7 de Fevereiro de 1889 (pp. 44-45).³⁵

Contextos instrumentais e repertório:

Nas referências do séc. XIX até agora encontradas, o cavaquinho aparece a solo (Araujo 1859: 328; Araújo 1860: 22; Pinto 1868: 107) e associado à viola e ao pifano (Arquivo 1859: 397), à viola francesa (Serra 1859: 38), a violas (Araújo 1875: 15), à *chitarra spagnola* (Foresta 1884 [1881]: 64), ao clarinete e duas violas francesas (Barella 1887: 187), a banzas (Santilhana 1887: 2), e em formação de estudantina.³⁶

³⁵ *Pontos nos ii*, 7 de Fevereiro, 1889 (pp. 44-45). [Link](#) Museu Calouste Gulbenkian (1983: fig. 63).

³⁶ *Arquivo Universal, Revista Hebdomadaria* Vol. 1. Anno 1859 Nº 25, 20 de Junho, 1º Anno (p. 397). [Link](#) Araujo, J. I. D'. 1859. "Um passeio ás hortas" e Serra, Francisco. 1859. "O amor e o dever" in *A Ilustração Luso Brasileira / Jornal Universal* Vol. III. Lisboa: Typographia de A. J. F. Lopes (pp. 328, 335). [Link](#) Araújo, José Ignácio de. 1860. *Um bico em verso, scena comica*. Lisboa: Typographia do Panorama (p. 22). [Link](#) Lopes de Mendonça, Antonio Pedro. 1860. *Scenas e phantasias de nossos tempos*. Lisboa: Typographia Universal. Livraria de A. M. Pereira (p. 11). [Link](#) Araújo, Luiz de. 1875. *O Frontão Municipal*. Lisboa: Livraria de Joaquim José Bordalo (p. 15). [Link](#)

Quanto a géneros musicais, são mencionados a moda e o fandango (contexto popular Araujo 1859: 328; Araújo 1860: 22), as modinhas (contexto burguês via texto humorístico Pinto 1868: 107), as coplas (solidó contexto popular Araújo 1875: 15; via teatro Argus 1881: 56) e a contra-dança (contexto popular L. D’A. 1896: 3).³⁷ Em 1882-1883 surgem no teatro de crítica política, frases como <<toquei umas arias no meu cavaquinho>>, <<deu alguns concertos de cavaquinho>> ou tocando o <<tercetto do 1º acto do Boccacio>> com a letra do <<tiro liro, tiro liro léro>> (Rocha 1884: 82-83).³⁸ É de 1884 uma rara referência ao ensino de cavaquinho na capital, pelo professor João Maria de Mello.³⁹ Em 1887, refere-se algum do repertório executado por um grupo popular lisboeta com clarinete acompanhado de <<um cavaquinho e duas violas francezas>>: <<Maria Cachucha, o Pirolito que bate, As Irmãs da Caridade e outras peças de resistencia [...] o celebre pot-pourri – Estando o moleiro sentado ao borralho, [...] >> (Barella 1887: 190).⁴⁰ E peças eruditas dos melhores autores, pela estudantina em 1888.⁴¹

O repertório grafado do cavaquinho oitocentista em Lisboa, é pois muito raro e não específico.

Argus. 1881. *Tutti-li-Mundi: Revista do anno de 1880* (Prefácio por Cha-ri-va-ri). Lisboa: Livraria Academica Lisbonense de Cruz & C.^a [Link](#)

Foresta, Alberto de. 1884. *Attraverso L’Atlantico e in Brasile*. Roma: Casa Editrice A. Sommaruga e C. (p. 64) (citado Cristo 2019: 27 n. 32). [Link](#)

Barella, Leoncio Vasques [Pan-Tarantula]. 1887. “Por Ahi...” in *O Antonio Maria* 16 de Junho de 1887 (pp. 187, 190). [Link](#)

Santilhana. 1887. “Chronica” in *Ilustração Portuguesa* 27 de Junho de 1887, 3º Anno, Numero 50 (p. 2). [Link](#)
Sobre a estudantina de 1888, ver p. 6 n. 16.

³⁷ Araujo, J. I. D’. 1859. “Um passeio ás hortas” e Serra, Francisco. 1859. “O amor e o dever” in *A Ilustração Luso Brasileira / Jornal Universal* Vol. III. Lisboa: Typographia de A. J. F. Lopes (pp. 328, 335). [Link](#)

Araújo, José Ignácio de. 1860. *Um bico em verso, scena comica*. Lisboa: Typographia do Panorama (p. 22). [Link](#)

Pinto, Marcos. 1868. *A Parvonía: recordações de viagem*. Lisboa: Typographia de M. de Jesus Coelho (p. 107). [Link](#)

Araújo, Luiz de. 1875. *O Frontão Municipal*. Lisboa: Livraria de Joaquim José Bordalo (p. 15). [Link](#)

L. D’A. 1896. “Grande passeio a outra banda” [4 de 10] in *Diario Ilustrado*, 25 Anno, n. 8:402, 11 de Agosto de 1896 (p. 3). [Link](#)

³⁸ Rocha, Julio. 1884. *Á roda da Política*. Lisboa: Typographia Popular (pp. 82-83). [Link](#)

³⁹ *Jornal da Noite* Nº 5977, 29 e 30 de março de 1884, 14º anno (p. 4). [Link](#)

⁴⁰ Barella, Leoncio Vasques [Pan-Tarantula]. 1887. “Por Ahi...” in *O Antonio Maria* 16 de Junho de 1887 (p. 190). [Link](#)

⁴¹ Ver p. 6 n. 16.

MARIA CACHUCHA

CANTIGA

À Ex.^{ma} Sur.^a D. Guilhermina Ehlers Murat.

Allegretto

72 *grazioso*

Ma-ri - a Ca - chu - cha quem te ca - chu - chou? Foi um fra-de

Lo - yo que a - qui pas - sou. Ma-ri - a Ca - chu - - - - cha quem te ca - chu -

chou? Foi um fra-de Lo - yo que a - qui pas - sou. D. C.

Maria Cachucha,
Quem te cachuchou?
—Foi um frade Loyo
Que aqui passou.

Maria Cachucha,
Que vida é a tua?
—Comer e beber,
Passear na rua.

Maria Cachucha,
Não vás ao Rocio;
Toma lá dinheiro,
Sustenta o teu brio.

Maria Cachucha,
Não vás ao quintal,
Em sainha branca,
Que parece mal.

Maria Cachucha,
Com quem dormes tu?
—Eu durmo sósinha
Sem medo nenhum.

Maria Cachucha,
Se fôres passeiar,
Vae pelas beirinhas,
Pódes-te molhar.

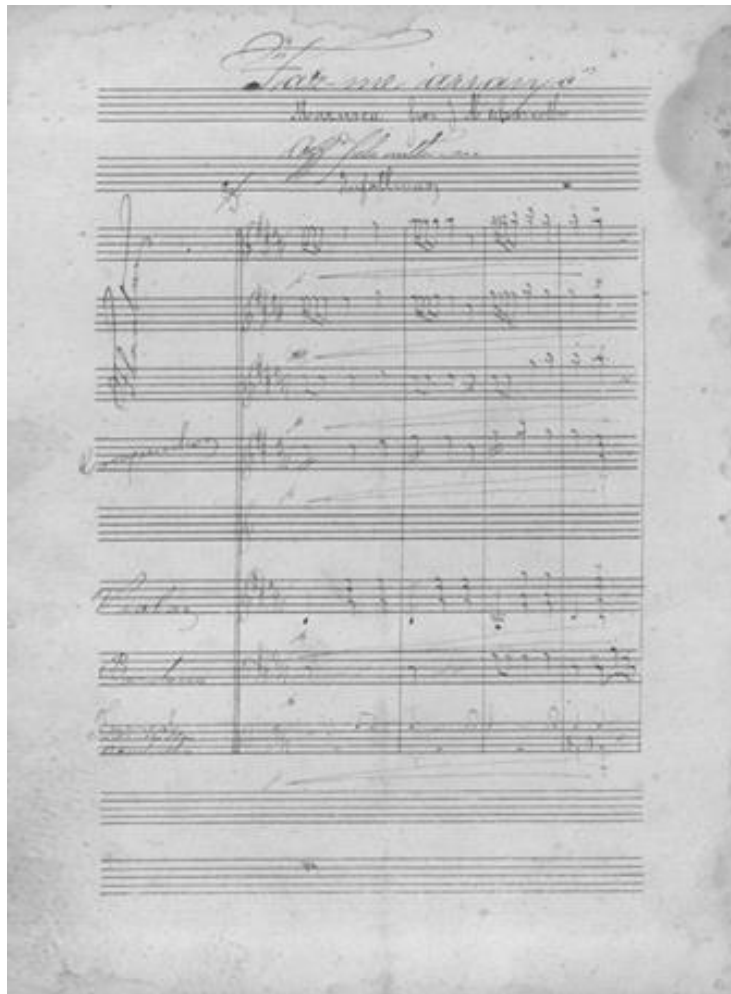
Recolhida em Lisboa. Cantam-se com esta musica muitos versos licenciosos que o decoro não nos permite publicar.
Esta musica, vulgarissima em Portugal, é puramente hespanhola; pertence ao genero dos *fandangos*; é um thema como os das nossas chulas, sujeito ás infinitas variações que a phantasia dos tocadores lhe addiciona. Antigamente tambem se dançava como os *boleros*.

"Maria Cachucha" recolhida em Lisboa.⁴²

⁴² Neves, Cesar das. 1893. *Cancioneiro de Musicas Populares*. Porto: Typographia Occidental (p. 137). [Link](#)
Na p. 77 desta obra encontra-se a pauta de "Pírolito", cantiga já existente em 1850.

A pauta de "As Irmãs da Caridade" recolhida no Porto em 1880 está na p. 275 do 2º vol. do cancionero:
Neves, Cesar das. 1895. *Cancioneiro de Musicas Populares*. Porto: Empresa Editora Cesar, Campos & C.^a [Link](#)

Uma pauta manuscrita de c. 1900-1915 da mazurca intitulada “Faz-me arranjo” da autoria de José Maria de Carvalho (c. 1866-1916), é a mais antiga partitura contendo a designação “cavaquinhos” até agora encontrada.⁴³ Neste documento pode-se apreciar alguns aspectos musicais executados pelos cavaquinhos: notas singulares (melodia), acordes de três notas simultâneas e linhas melódicas de notas duplas em terceiras paralelas. A extensão é de D4 a B5 (uma oitava + uma quinta).



Início da pauta da mazurca “Faz-me arranjo”, c. 1900-1915.

⁴³ Este documento de oito folhas foi recentemente encontrado por Carlos Batista Júnior nos fundos da Biblioteca Nacional em Lisboa, estando já acessível: [Link](#)
O título “Faz-me arranjo” deve estar relacionado com uma expressão surgida no teatro em 1880 e que terá sido proferida por Fontes Pereira de Melo no ano em que não esteve no poder (citado Argus 1881: 56).
Argus. 1881. *Tutti-li-Mundi: Revista do anno de 1880* (Prefácio por Cha-ri-va-ri). Lisboa: Livraria Academica Lisbonense de Cruz & C.^a [Link](#)

Em 1905, ficou registada na Biblioteca Nacional de Portugal uma cançoneta por Armando Xavier, com o título “O cavaquinho”.⁴⁴ E em 1908, vários cordofones incluindo o cavaquinho são criticados por serem <<[...] bons para o fado, para a seguidilha, para a reverie, para serenata, para a olheira e para o namoro, para a tísica e para o ra- [p.181] pto – mas não são bons para mais nada.>> em comparação com os instrumentos de metal das filarmónicas (Mesquita 1908: 180-181).⁴⁵ Parece estar aqui já anunciado o progressivo desinteresse pelo cavaquinho urbano, noutros tempos tão popular em Lisboa e arredores.⁴⁶ Não obstante, em 1931 o cavaquinho estreou-se no cinema no primeiro filme sonoro português, *A Severa* realizado por Leitão de Barros, embora apenas como adereço emblemático numa re-criação dos solidós de outrora,⁴⁷ volta aparecer no teatro de revista em 1933 e 1937,⁴⁸ e neste último ano ainda marcava presença na Orquestra Típica Portuguesa.⁴⁹

Construtores históricos de cavaquinho em Lisboa:

O mais antigo cavaquinho que se conhece feito em Lisboa, é da autoria de João Jozé de Souza na primeira metade do séc. XIX. Trata-se de um hexacórdio que se encontra no Museu Nacional de Etnologia [BB361], Lisboa, apresentando no rótulo a morada Calçada dos Caldas, 86. Segundo Pedro Caldeira Cabral (2019: 220) este construtor esteve activo entre c. 1810 e 1850.⁵⁰

⁴⁴ *Boletim das Bibliothecas e Archivos Nacionaes*. 1905. Lisboa: Bibliotheca Nacional (p. 323). [Link](#)

⁴⁵ Mesquita, Alfr. de. 1908. “Filarmonicas” in *Serões*, N. 33, Março, 1908, segunda série Vol.VI. Lisboa: Livraria Ferreira-Editora (pp. 180-181). [Link](#)

⁴⁶ Este processo parece ter começado mais cedo noutras regiões, por exemplo em Coimbra já desde 1898 que se lamentava o desaparecimento do cavaquinho local:

O Tribuna Popular, n. 4403, June 25, 1898 (p. 2).

<<Desapareceram as antigas fogueiras de pinheiros, para dar lugar a pavilhões embelezados com bandeiras, festões de buxo e flores; a viola de corda d’arame e o velho cavaquinho, que afamados tocadores dedilhavam caprichosamente, fizeram-se substituir por instrumentos de metal; os descantes e as danças perderam o seu tradicional cunho popular, para virarem modinhas de teatro [...]>>

Citado em: Nunes, António Manuel. 2019 [2016]. “Um lento e inexorável desaparecimento da viola de corda de arame em Coimbra” in blog *Guitarra de Coimbra V (Cithara Conimbrigensis)* [Link](#)

⁴⁷ Nas mãos do actor Silvestre Alecrim, interpretando o “Solidó dos bolieiros”. [Link](#)

⁴⁸ A actriz Virgínia Soler na revista “Pernas ao Léu” no Teatro Variedades, Lisboa 1933. [Link](#) [Link](#) (ver imagem na p. 39).

O actor Costinha na revista “Balancé” no Eden Teatro, Lisboa 1937. [Link](#) (imagem sinalizada por Júlio Pereira). Ver p. 38 n. 82.

⁴⁹ Arquivo Nacional Torre do Tombo. [Link](#) (ver imagem na p. 39).

⁵⁰ Curiosamente João Jozé de Souza não anunciava cavaquinhos nos seus rótulos. [Link](#)

Cabral, Pedro Caldeira. 2019. *O Som da Saudade: A Cítara Portuguesa*. Lisboa: EGEAC/Museu do Fado.



João Jozé de Souza, antes de 1850. ⁵¹

Também desse período, são dois cavaquinhos idênticos fabricados em Lisboa por Jeronymo José dos Santos; um está no Scenkonstmuseet [M2477] (Museu das Artes Performativas da Suécia), Estocolmo e o outro no Museum of Fine Arts, Boston [17.1751]. Este construtor, activo entre c. 1820 e 1850 tinha loja no Largo da Annunciada, 20 (2019: 220) e mencionava <<cavaquinhos>> nos seus rótulos.

⁵¹ Fotografia do rótulo gentilmente cedida por Júlio Pereira.



Jeronymo José dos Santos, antes de 1850. ⁵²



Jeronymo José dos Santos, antes de 1850. ⁵³

⁵² À esquerda, cavaquinho por Jeronymo José dos Santos no Scenkonstmuseet, Estocolmo. [Link](#)

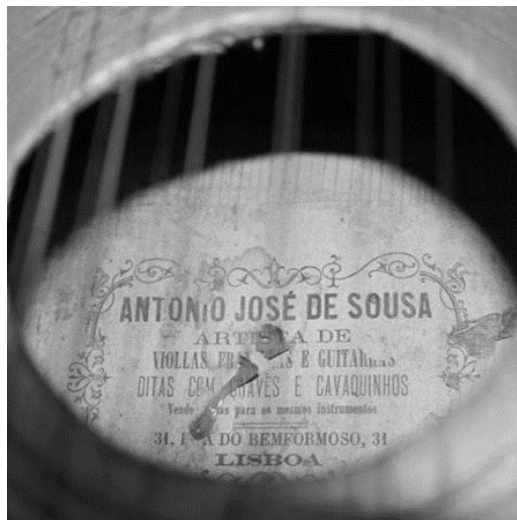
À direita, cavaquinho do mesmo autor no Museum of Fine Arts, Boston. [Link](#)

Fotografia enviada por Darcy Kuronen (Boston), gentilmente disponibilizada por Júlio Pereira.

Uma réplica deste cavaquinho foi executada em 2015 por Óscar Cardoso, Lisboa, com base em documentos enviados pelo museu de Boston a Júlio Pereira (ver p. 44 n. 95).

⁵³Fotografia enviada por Darcy Kuronen (Boston), gentilmente disponibilizada por Júlio Pereira.

Por volta de 1860 (2019: 220), António José de Sousa “O Mudo” anunciava <<cavaquinhos>> nos rótulos.⁵⁴



António José de Sousa, c. 1860.

Nesse mesmo período em Lisboa, Manoel Pereira construía cavaquinhos na Travessa de Santa Thereza, 21 (Cabral 2019: 209, 220).⁵⁵

De Manuel Pereira [dos Santos] (1840-1889) natural do Funchal, estabelecido em Lisboa a partir de 1870,⁵⁶ sobreviveram vários cavaquinhos hoje pertencentes a colecções privadas⁵⁷ e museus. Talvez o mais antigo seja o hexacórdio que se guarda no Museu Nacional de Etnologia [sem cota?]. Outro, também da segunda metade do século, encontra-se no Musée des Instruments de Musique [1535], Bruxelas.⁵⁸ Segundo Simões (1974: 121), existe também um exemplar num

⁵⁴ António José de Sousa era filho de João Jozé de Souza (Lambertini 1914: 29).

Lambertini, Michel'Angelo. 1914. *Primeiro nucleo de um museu instrumental em Lisboa; catalogo summario coordenado por [...]*. Lisboa: Typographia A Editora Limitada. [Link](#)
[Link](#) [Link](#)

⁵⁵ Existe um exemplar deste construtor na colecção de Pedro Caldeira Cabral (via email 13 de Junho de 2011).

⁵⁶ Vieira, Ernesto. 1900. *Diccionario Bibliographico de Musicos Portuguezes*. Vol. II, Lisboa: Typographia Mattos Moreira & Pinheiro (p. 161). [Link](#)

No entanto, segundo Pedro Caldeira Cabral a informação no dicionário de Vieira está incorrecta, o construtor oriundo da Madeira será o anterior, Manoel Pereira (via email 8 de Setembro, 2010).

⁵⁷ Por exemplo na colecção de André Boita.

⁵⁸ Cavaquinho hexacórdio por Manuel Pereira no Museu Nacional de Etnologia, Lisboa. Cavaquinho pelo mesmo autor no Musée des Instruments de Musique, Bruxelas. [Link](#)

museu de Milão, talvez o que esteve exposto em 1881 na Exposição Musical daquela cidade.⁵⁹ Este construtor que tinha oficina na Rua das Portas de Santo Antão, 189/191, foi talvez o primeiro a anunciar <<cavacos>> nos seus rótulos.⁶⁰



Manuel Pereira, c. 1870-1889.

⁵⁹ “Esposizione Musicale a Milano” in *Roma Artistica* 25 Giugno 1881 Anno VII N. 22 (p. 166). [Link](#)
Numa lista de construtores publicada em 1884 em Modena, Manuel Pereira (PEREIRA Emanuele) figura como especialista em cavaquinhos.

Memorie della Regia Accademia di Scienze, Lettere ed Arti in Modena, serie II – volume II. Modena: Antica Tipografia Soliani, 1884 (p. 69). [Link](#)

⁶⁰ Um anúncio de Manuel Pereira em 1877 já menciona “cavacos”:

Jornal da Noite, 9 e 10 de Maio de 1877, N.º 1922, 7.º Anno (p. 4). [Link](#)

No entanto, em 1879 e 1883 o enunciado da sua publicidade utiliza a designação “cavaquinhos”:

Jornal da Noite N.º 2436, 30 e 31 de janeiro de 1879, 9.º Anno (p. 4). [Link](#)

O Pimpão N. 349, 27 de Maio de 1883 (p. 4).

O Pimpão N. 350, 3 de Junho de 1883 (p. 4). [Link](#)

A designação “cavacos” deve ser pois entendida como alternativa a “cavaquinhos”.



Manuel Pereira, c. 1870. ⁶¹



Manuel Pereira, c. 1870-1889. ⁶²

⁶¹ Cavaquinho hexacórdio por Manuel Pereira no Museu Nacional de Etnologia, Lisboa. Fotografia por Júlio Pereira, gentilmente disponibilizada.

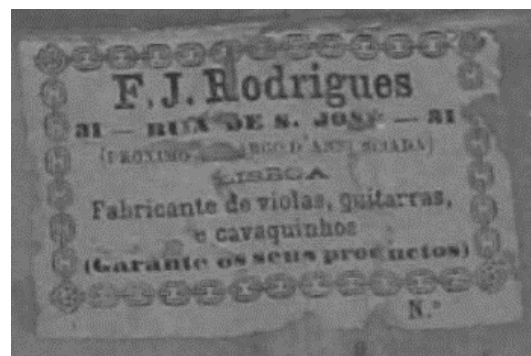
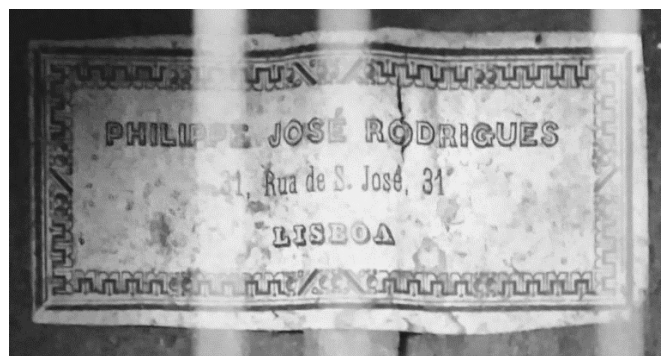
⁶² Cavaquinho pelo mesmo autor no Musée des Instruments de Musique, Bruxelas. [Link](#)
Fotografia © KMKG-MRAH (Koninklijke Musea voor Kunst en Geschiedenis - Musées royaux d'art et d'histoire).

Entre 1870 e c. 1890, João Januário Rodrigues esteve activo em Lisboa na Rua dos Remédios, 53 (2019: 220), anunciando <<cavacos>> nos seus rótulos.



João Januário Rodrigues, entre 1870 e c. 1890. ⁶³

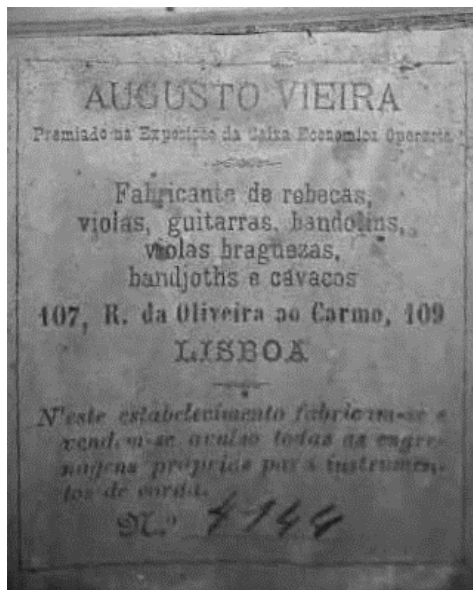
A partir de 1880, Philippe (também Filipe) José Rodrigues anunciava construir <<cavaquinhos>> em Lisboa na Rua de S. José, 31 (2019: 221).



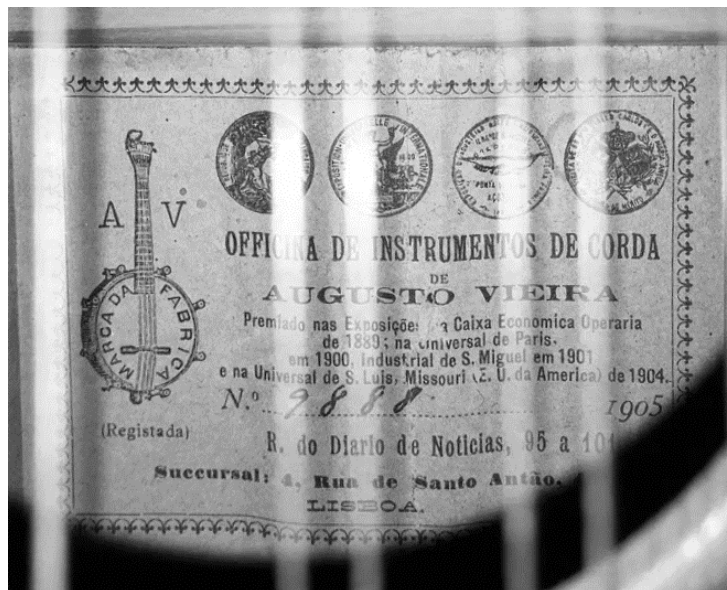
Philippe/Filipe José Rodrigues, após 1880.

⁶³ Via José Lúcio Ribeiro de Almeida. [Link](#)

Oriundo da Madeira, Augusto Vieira esteve activo em Lisboa entre 1888 e 1925 anunciando <<cavacos>> nos rótulos com várias moradas entre as quais a Rua Diário de Notícias, 95/101 (2019: 224). Dele conhecem-se exemplares em colecções privadas.⁶⁴



Augusto Vieira, após 1889.



Augusto Vieira, 1905.

Nascido em Coimbra, João Pedro Grácio (1872-1962) foi o patriarca da famosa família de construtores tendo fundado em 1890 a sua primeira oficina em Lisboa na Rua da Boa Vista, 118, anunciando fabricar <<cavaquinhos>> (Cabral 2007).



João Pedro Grácio, c. 1890.

⁶⁴ Na colecção de José Lúcio Ribeiro de Almeida, um espécime com data de 1908 e na de António Freire, um outro de 1904.

Já no final do século, João Gomes foi <<o *Guitarreiro*>> afectado por um desabamento em 1895, abandonando a actividade em 1902. Segundo Armando Simões, num dos seus rótulos pode-se ler: <<João Gomes/ Fabricante de Guitarras, ditas com chaves,/ Cavaquinho[sic]/ e Violas Francesas/ 31, Travessa do Forno aos Anjos, 31/ Lisboa.>> (1974: 122).⁶⁵

Nesse mesmo período esteve activo em Lisboa, João Miguel Andrade com fábrica e armazém na <<Rua nova de Trindade>> como se pode ler nos seus rótulos anunciando <<cavacos>>.⁶⁶



João Miguel Andrade c. 1898.

⁶⁵ *O Paiz*, 28 de Dezembro de 1895, Anno Primeiro-Numero 57 (p. 2). [Link](#)
Simões, Armando. 1974. *A Guitarra Portuguesa: Bosquejo Histórico*. Évora: Tip. Eborauto.

⁶⁶ A julgar pela gralha na morada, os rótulos poderão ser de origem inglesa, visto que este fabricante/distribuidor exportava instrumentos através da firma Alban Voigt & Co. com sede em Londres (14, Edmund Place) como referido no enunciado.

Em 2021 apareceu à venda na Austrália um espécime com um rótulo atípico com apenas o nome <<João Miguel Andrade>>, em forma muito semelhante aos feitos por Jeronymo José dos Santos em meados do século.



João Miguel Andrade?

À entrada da última década do séc. XIX surge o par Rosa & Caldeira em cujos rótulos se revelam como <<Unicos discipulos de / Manuel Pereira>>, anunciando <<cavacos>> na Rua de Santo Antão, 155/157.⁶⁷

⁶⁷ Activos entre 1891 e 1904 (Cabral 2019: 224). *Catalogus van de musiekinstrumenten uit de verzameling van het Museum Vleeshuis*. Museum Vleeshuis. Antwerpen: Ruckers Genootschap, 1981 (p.128). [Link](#)



Rosa & Caldeira, c. 1891-1904.

Um outro construtor que anunciava <<cavacos>> foi Alfredo dos Santos Carvalho, activo em Lisboa entre 1897 e 1910 na Rua do Loureiro, 8 (Cabral 2019: 224).



Alfredo dos Santos Carvalho, c. 1897-1910.⁶⁸

Activo entre 1891 e 1912, Manuel C. Teixeira sucedeu a Manuel Pereira na oficina na Rua das Portas de Santo Antão, 189/191 (2019: 224), continuando a anunciar <<cavacos>> nos seus rótulos.

⁶⁸ Via Manuel Ribeiro. [Link](#)



Manuel C. Teixeira, c. 1891-1912.

Uma das publicações didáticas por Reynaldo Varella (c. 1900: 36) contém um anúncio do <<Fabricante>> Francisco Nunes ao n.º 21 da Rua Silva e Albuquerque, Lisboa, mencionando <<cavaquinhos>> entre outros cordofones (citado Saraiva 2017: 157).



Anúncio de Francisco Nunes, c. 1900 (detalhe da p. 36).⁶⁹

⁶⁹ Varella, Reynaldo. c. 1900. *Breves explicações sobre o processo de tocar guitarra e bandolin pelo sistema de algarismos*. Lisboa: Imprensa Commercial.

Na primeira década do séc. XX surge João Rodrigues Rosa que também se dizia <<Unico discipulo de Manuel Pereira>> e cuja oficina se situava na Travessa de Santa Luzia, 8 r/c D.^{to}, (ao Limoeiro), Lisboa. Activo entre 1904 e 1922 (Cabral 2019: 224) e como muitos anteriores, anunciava <<cavacos>> nos seus rótulos.



João Rodrigues Rosa, c. 1904-1922.

Saraiva, Pablo Lee Forest Santiago. 2017. "Contexto e problemáticas das mais antigas gravações de Guitarra solo conhecidas. A Guitarra de seis cordas e a presença Íbero-Americana no Edison Phonograph Monthly", Tese de Mestrado em Artes Musicais, Universidade Nova de Lisboa. [Link](#)

Entre 1910 e pelo menos 1936, Abílio Godinho teve oficina na Rua do Século, 30 e 74 (2019: 225), também conhecida por Rua Formosa onde anunciava o fabrico de <<cavaquinhos>>. ⁷⁰



Abílio Godinho, c. 1910 até pelo menos 1936.

Um outro construtor activo c. 1930 (2019: 225), Joaquim Saraiva ao serviço de Luiz Ferreira & C.^a na Rua Nova do Almada 116/118, ainda mencionava <<cavaquinhos>> nos seus rótulos. ⁷¹

⁷⁰ Documentos de 1936 revelam que este construtor fez 46 instrumentos para a Orquestra Bandolinista da FNAT, entre os quais 3 cavaquinhos por 80\$00 cada. [Link](#)

Não fica claro, no entanto, se esses cavaquinhos seriam usados nessa orquestra; infelizmente não consegui ainda encontrar uma imagem, nem informação relevante.

⁷¹ Conforme rótulo da colecção de José Lúcio Ribeiro de Almeida. [Link](#)

Outra iconografia do cavaquinho:

Uma aguarela sobre papel de 1845 por E. J. Maia com o título “Ferro Velho”, mostrando um vendedor ambulante com um provável cavaquinho, parece ser a mais antiga representação gráfica do pequeno cordofone em Lisboa, até agora encontrada.



“Ferro Velho” por E. J. Maia, 1845.⁷²

Conhecem-se também duas litografias, segundo Manoel de Sousa Pinto, uma do celebrado João Palhares de 1863 e a outra anónima de 1892 (deverá ser 1891) que parecem representar uma cena descrita num romance publicado em 1848, envolvendo a prática de cavaquinho numa tasca da Madragoa (1931: 18). Mas seria mesmo um cavaquinho?⁷³

⁷² Aguarela sobre papel por E. J. Maia “Ferro Velho”, 1845 (e pintura em 1857): Moita, Irisalva. 1979. *O Povo de Lisboa* ([fig.] 481).

⁷³ Pinto, Manoel de Sousa. 1931. “O Lundum Avô do Fado” in *Ilustração* nº 6 (141), 1 de Novembro de 1931 (17-19) (citado Cristo 2019: 31 n. 50). [Link](#)



<<O Lundum numa tasca da Madragoa>>, 1863.



<<O Lundum>>, 1891.⁷⁴

Quanto à minha dúvida ver:

Cristo, Nuno (2019). Decolonizing the Cavaquinho: A New Narrative. *Studia Instrumentorum Musicae Popularis (New Series) VI*. Edited by Gisa Jähnichen. Berlin: Logos, 19-40 (pp. 30-31).

⁷⁴ Pinto, Manoel de Sousa. 1931. "O Lundum Avô do Fado" in *Ilustração* nº 6 (141), 1 de Novembro de 1931 (17-19) (citado Cristo 2019: 31 n. 50). [Link](#)

Atestando a importância das <<sociedades de Sól-e-Dó>> e por acréscimo do cavaquinho em sua representação, este aparece em 1882 numa medalha comemorativa do primeiro centenário do falecimento de <<Marquez de Pombal>>. ⁷⁵



Medalha de 1882 (detalhe).

Os títulos aqui apresentados são os que aparecem no artigo de 1931. A segunda imagem é a que foi publicada em 1891 entre as pp. 8 e 9, com o título “A tasca do tio Patusco”. Ver p. 3 n. 7.

⁷⁵ *O Occidente* 12º Anno, Vol. XII, Nº 286, 11 de Setembro de 1889 (pp. 203, 208). [Link](#)

Um exemplo iconográfico que associa mais uma vez o cavaquinho à família real é um *cliché* de c. 1886 produzido em Lisboa, mostrando D. Luís I (1838-1889) a tocar um dos seus violoncelos e em segundo plano o que parece ser uma redução de cavaquinho.⁷⁶



D. Luís I, c. 1886.

⁷⁶ Fotografia do Atelier Fillon por Augusto Bobone, Lisboa c. 1886, pertencente a colecção particular. Parte desta imagem foi utilizada na elaboração do cartaz/programa “Um Músico Um Mecenaz” do Museu Nacional da Música, Lisboa em 2016. [Link](#)

Dos populares “solidós” sobreviveu no seio de uma família, uma fotografia de finais do séc. XIX, identificando-se o executante de cavaquinho. E uma outra, porventura um pouco mais antiga de um grupo musical com características de “solidó”, cujos músicos parecem pertencer a uma classe social mais elevada.⁷⁷ Se em 1875, o <<sol e dó>> era descrito como <<Musica typica de violas e cavaquinhos.>> (Araújo 1875: 15) aqui já se nota a presença de instrumentos de sopro e percussão, e apenas um heróico cavaquinho.⁷⁸



Grupo Solidó Alhandrense, Alhandra 1898. João Vicente Peniche ao cavaquinho.

⁷⁷ Ambas as fotografias via Inocêncio Casquinha. [Link](#) [Link](#)

⁷⁸ Araújo, Luiz de. 1875. *O Frontão Municipal*. Lisboa: Livraria de Joaquim José Bordalo (p. 15). [Link](#)



Grupo Musical de Alhandra, década de 1880? ⁷⁹

Da primeira metade do séc. XX existem também raras fotografias do cavaquinho tocado em Lisboa, ou usado como adereço no teatro e até no cinema.⁸⁰

⁷⁹ A imagem do Grupo Musical de Alhandra foi publicada no catálogo da exposição “Alhandra de Outros Tempos” organizada pelo Museu de Alhandra – Casa Dr. Sousa Martins, em 2003.

Ambas as fotografias via Inocêncio Casquinha. [Link](#) [Link](#)

⁸⁰ Crianças mascaradas que visitaram o jornal *O Século* durante o Carnaval de 1926. [Link](#)

Este cavaquinho hexacórdio deve ser antigo e de boa qualidade, talvez ainda de finais do séc. XIX.

No filme *Severa* (1931) nas mãos do actor Silvestre Alecrim, interpretando o “Solidó dos bolieiros”.

[Link](#)

A actriz Virgínia Soler na revista “Pernas ao Léu” no Teatro Variedades, Lisboa 1933. [Link](#) [Link](#)

O actor Costinha na revista “Balancé” no Eden Teatro, Lisboa 1937. [Link](#) (imagem sinalizada por Júlio Pereira).



Carnaval de 1926, Lisboa.



Virgínia Soler, Lisboa 1933.

A Orquestra Típica Portuguesa em 1937 também fazia uso de um cavaquinho.⁸¹



Orquestra Típica Portuguesa, 1937.

⁸¹ Arquivo Nacional Torre do Tombo. [Link](#)

Considerações finais:

Ao analisarmos os primórdios do cavaquinho em Lisboa, não devemos rejeitar a hipótese de que a prática poderá ter ali precedido a construção e que os primeiros instrumentos tocados em contextos domiciliários ou de uso pessoal restrito, tivessem tido origem num espaço extra-lisboeta. É também importante reconhecer que a prática, construção e popularidade do cavaquinho urbano não é um fenómeno histórico-cultural exclusivo de Lisboa, havendo correspondência à época noutras áreas do território português. Existem testemunhos textuais, rótulos, exemplares sobreviventes e partituras manuscritas comprovando que o cavaquinho oitocentista foi também cultivado no Funchal, Ponta Delgada, Madalena (Pico), Porto e Coimbra.⁸² Em especial destaque está a Madeira, onde se desenvolveu uma cultura erudita do

⁸² Há notícia de um <<cavaquinto>> levado de S. Miguel para a Grã-Bretanha em 1845 e que esteve em exposição em Londres por empréstimo de Mr. R. G. Veasey:

International Inventions Exhibition. 1885. *Guide to the Loan Collection and List of Musical Instruments, Manuscripts, Books, Paintings, and Engravings, Exhibited in the Gallery and Lower Rooms of the Albert Hall*. London: William Clowes and Sons, Limited (p. 16). [Link](#)

Em 1857, Areia Larga, Madalena (Pico) violas e cavaquinhos davam os primeiros acordes de um animado baile: Drouet, M. Henri. 1866. “Catalogue de la flore des iles Açores/ Précédé de l’Itinéraire d’un voyage dans cet archipel.” In; *Mémoire de la Société d’agriculture/ des Sciences, Arts et Belle-Lettres du département de l’Aube*.

Tome III, Troisième série. Troyes: Dufour-Bouquot, Imprimeur de la Société. [81-233] (p. 142). [Link](#)

Um tetracórdio do séc. XIX datado de 1817, pertencente à coleção de Norberto Gomes (Museu APA) parece ser o mais antigo cavaquinho que até hoje se encontrou. No entanto, a forma atípica do cravelhal, o cavalete e o enunciado do rótulo, põem em causa a veracidade da data e local de fabrico.

A mais remota menção a “machete” na Madeira parece ser a descrição de Mrs. Wood datada de 1838, mas seria mesmo cavaquinhos ou outros pequenos cordofones praticados em contexto rural?

A Great-Niece’s Journals: Being Extracts from the Journals of Fanny Anne Burney, Mrs. Wood, from 1830 to 1842.

Edited with preface and notes by her grand-daughter Margaret S. Rolt. Boston: Houghton Mifflin Co, 1926; London: Constable & Company Ltd., 1926 (pp. 198, 291) (citado Morais 2008: 45-46; King e Tranquada 2003: 2-3, 26 n. 9; King e Tranquada 2008: 567-568, 604 n. 4) [Link](#)

Morais, Manuel. 2008. “Os Instrumentos Populares de Corda Dedilhada na Madeira.” in *A Madeira e a Música: Estudos (c. 1508-c.1974)*. Funchal 500 Anos [23-98]. [Link](#)

King, John e Tranquada, Jim. 2003. “New History of the Origins and Development of the ‘Ukulele, 1838-1915” in *Hawaiian Journal of History*, Vol 37, 2003 [1-32]. Honolulu: Hawaiian Historical Society. [Link](#)

King, John e Tranquada, Jim. 2008. “A História das Origens do Ukulele Havaiano” in *A Madeira e a Música: Estudos (c. 1508-c.1974)*. Funchal 500 Anos [565-588] [Link](#)

Existe contudo a partir de 1840, evidência concreta da prática de cavaquinho no Funchal, chamado “machete” na Madeira, incluindo espécimes sobreviventes, referências literárias, notícias em periódicos e partituras.

Um cavaquinho hexacórdio <<peculiar to Oporto>> foi testemunhado em plena acção no Funchal em 1854:

França, Isabella de. 1970 [1854]. *Journal of a Visit to Madeira and Portugal (1853-1854) / Jornal de uma visita à Madeira e a Portugal (1853-1854)*. Tradução por Cabral do Nascimento. Notas e comentários por Santos Simões. Funchal: Junta Geral do Distrito Autónomo da Madeira, 1970, 2 vols. (vol. I p. 138) (citado Morais 2008: 43, 59-61; 2011: 23-24 n. 15).

Morais, Manuel “O Machete Madeirense” in *5 Olhares sobre o Património Musical Madeirense*. Associação Musical e Cultural Xarabanda e Associação de Amigos do Gabinete Coordenador de Educação Artística (21-37).

cavaquinho entre a aristocracia/ burguesia da ilha e que chegou mesmo a cativar visitantes de variados quadrantes. Além dos músicos madeirenses que fizeram temporadas na capital na década de 1870, tocando o seu bem amado machete, ficaram registados cerca de dez construtores do Funchal cuja actividade se relacionou com Lisboa a partir dessa época; uns estabeleceram-se na capital com oficina própria, outros fizeram ali os seus estágios de aprendizagem, regressando depois à Madeira.

Existem mais de duas dezenas de outros construtores em Lisboa no período em questão, cujos nomes se conhecem através de registos, rótulos e instrumentos, não se tendo encontrado ainda evidência de que produzissem cavaquinhos.

Ao que parece, João Jozé de Souza terá sido dos primeiros a fabricar cavaquinhos em Lisboa, seguramente após 1821, ano do retorno da família real, numa altura em que o pequeno cordofone não era ainda popular, e talvez por isso não seja mencionado nos rótulos do artista. Esse privilégio acontece mais tarde com Jeronymo José dos Santos ainda antes de 1850. Segue-se-lhe um grupo considerável de importantes construtores que confirmam a procura do cavaquinho até à década de 1930.

Como notado antes, o início do quase desaparecimento da prática e construção do cavaquinho em Lisboa parece coincidir com a implantação da República, talvez devido à proliferação de instrumentos com mais volume sonoro, incluindo os metais das filarmónicas que se foram incorporando nos grupos de “solidó”, e também os banjos que já se fabricavam na capital c.

Talvez a mais antiga referência a cavaquinho em Portugal após Balbi (1822: ccxiii) ficou registada em 1840, mas reporta-se a c. 1827 entre estudantes de Coimbra, podendo no entanto tratar-se de uma mera substituição do antigo nome “machinho” pelo mais actualizado “cavaquinho”:

Centazzi, Guilherme. 1840. *O Estudante de Coimbra ou Relampago da Historia Portugueza desde 1826 a 1838*.

Tomo I. Lisboa: Typographia de Antonio Jose da Rocha (p. 38). [Link](#)

Segundo Simões (1974: 127) o construtor António [Augusto] dos Santos já fabricava cavaquinhos c. 1845. E em 1864, um anúncio Luiz Jose Maria de Oliveira confirma a venda de cavaquinhos hexacórdios em Coimbra:

O Conimbricense Nov. 4, 1864 (p. ?) (citado Tabora 2016: 296).

Tabora, Marcia. 2016. “De Coimbra ao Rio de Janeiro: Os violeiros da família Couceiro e sua participação nas exposições regionais e internacionais.” in *Boletim do Arquivo da Universidade de Coimbra* XXIX (291-321). [Link](#)

1889.⁸³ No entanto, as adversidades poderão ter começado anos antes com o advento do fenómeno *estudiantina* que alastrou um pouco por todo o mundo e que em Portugal começou logo após a visita da madrileña *Estudiantina Española “Fígaro”* em 1878. Este movimento cultural ainda não académico vai dar origem a um grande número de agrupamentos do género também chamados “*tunas*” e por vezes “*troupes*” que ainda hoje existem e são cultivados em muitos países. Uma das primeiras a ser organizada em Lisboa surge nesse mesmo ano sob o nome de Estudantina Portuguesa, dirigida pelo famoso guitarrista João Maria dos Anjos. Mas, embora noutros centros do país o cavaquinho tenha participado nesta voga, na capital não há disso qualquer evidência.⁸⁴ É que na origem as estudantinas espanholas estavam centradas na *bandurria* como instrumento solista que noutros países foi substituída pelo bandolim e em Portugal, claro também pela guitarra/cítara.⁸⁵ Assim, o cavaquinho ficou de fora não só por razões associadas ao seu som menos possante e estridente, mas talvez também pela sua forma de viola, por destoar no conjunto. Tudo isto poderá explicar as modificações operadas a partir de então no cavaquinho, tornando-o mais próximo do bandolim: passou a ser apenas tetracórdio e tocado com plectro, adoptou a afinação em quintas, o braço assumiu uma nova ergonomia e já numa fase posterior, foram-lhe montadas cordas metálicas.

Também nesse período começam a ser construídos uns pequenos cordofones em tudo semelhantes ao cavaquinho “abandolinado”, mas com várias formas de um só bojo.⁸⁶ Estes então

⁸³ Por essa altura, Augusto Vieira anunciava <<bandjoths>> ao lado de <<cavacos>> e em 1899 aparece <<bandjoos>>. Mas na viragem de século, os seus rótulos mudam passando a sobressair a imagem de um banjo encimado por voluta e leque, ao estilo da guitarra/cítara de Lisboa. Dois espécimes de cavaquinho desse construtor contêm esse novo tipo de rótulo datados de 1904 e 1908. Ver p. 26 n. 65.

⁸⁴ Na caricatura de sátira política de 1879 já aqui apresentada na p. 11, o cavaquinho aparece nas mãos do estadista Fontes Pereira de Melo integrando uma estudantina com as roupagens da “*Fígaro*”, no entanto não representa uma realidade no contexto das *tunas* lisboetas.

⁸⁵ A “*Fígaro*” original fundada pelo compositor valenciano Dionísio Granados, era composta por oito bandurristas, cinco guitarristas (violistas), um violinista e um violoncelista (Coelho; Silva; Sousa e Tavares 2012: 87). Coelho, Eduardo; Silva, Jean Pierre; Sousa, João Paulo e Tavares, Ricardo. 2012. *Qvid Tunae? A Tuna Estudantil em Portugal*. Porto, Viseu e Lisboa: CoSaGaPe (p. 87). [Link](#)

⁸⁶ Além de tetracórdios, também se fabricavam com cordas dobradas, sempre de tripa e com cavalete colado. Na p. 38 pode-se ver um na fotografia do Carnaval de 1926, embora já modificado pois foi-lhe aplicado um atadilho.

chamados simplesmente “bandolins” tiveram realmente uma chance de se enquadrarem nas tunas de várias regiões, no entanto em Lisboa parece que não.⁸⁷

Um outro instrumento que está relacionado com o cavaquinho “abandolinado” é o cordofone de grandes dimensões e tessitura grave vulgarmente conhecido por “viola-baixo” e que deve ter sido criado em Lisboa ainda na década de 1870, pois que o já citado construtor João Januário Rodrigues anunciava nos seus rótulos: <<violões de 4 cordas>>.⁸⁸

Tal como o cavaquinho tardo-oitocentista também a viola-baixo afinava em quintas e era tocada com plectro, sendo hoje em dia principalmente utilizada no acompanhamento do fado alfacinha.⁸⁹ A iconografia mais antiga deste instrumento são desenhos da *Troupe Freitas Gazul* (1893) e da *Troupe Gounod* (1894), agrupamentos lisboetas em que predominavam os cordofones de cordas metálicas em ordens duplas.⁹⁰ Fotografias da viola-baixo começam a surgir a partir de 1896 no contexto das tunas de Lisboa tanto académicas, escolares ou liceais, como nas recreativas, comerciais ou industriais.⁹¹

⁸⁷ Conheço apenas um desenho de 1881 que atesta a sua prática individual em Lisboa:

Harper's New Monthly Magazine Vol. 63, June to November, 1881 (p. 40). [Link](#)

O exemplar mais antigo que se conhece deste tipo de bandolim foi feito no Porto e data de 1879. Para mais informação sobre estes bandolins consultar: Cristo, Nuno. 2022. “Os nomes e as formas: questões relacionadas com tetracórdios de plectro em Portugal” (texto baseado e acrescentado sobre a palestra apresentada virtualmente pelo autor no 1º Festival de Guitarrinho de Coimbra a 30 de Outubro, 2021). [Link](#)

⁸⁸ Ver p. 25.

⁸⁹ Na p. 39 pode-se ver uma viola-baixo na fotografia da Orquestra Típica Portuguesa onde se nota bem o seu cavalete colado. Entretanto por influência do contra-baixo e dos chamados “baixos eléctricos” foi-se adoptando a afinação destes, em quartas. Mas o conhecido músico centenário, Joel Pina sempre tocou com a afinação original, duas oitavas abaixo do bandolim.

⁹⁰ *O Antonio Maria* 23 de Fevereiro de 1893, p. 30 [Link](#)

O Antonio Maria 28 de Dezembro de 1894, p. 174 [Link](#)

⁹¹ A mais antiga que conheço é a da Tuna Académica de Lisboa publicada no periódico: *Branco e Negro, Semanário ilustrado* - A. 1, Vol. 1, no 7, 17 de Maio de 1896, p. 3. [Link](#) (citado Coelho; Silva; Sousa e Tavares 2012: 206).

Sabe-se que todos estes cordofones co-existiram durante algum tempo no espaço da capital, mas se em 1901, a firma Luiz Ferreira & C.^a ainda anunciava cavaquinhos com quatro níveis de qualidade,⁹² já nas décadas seguintes são escassos os seus sinais em Lisboa.

Em anos recentes tem-se verificado, um pouco por todo o território continental, um renovado interesse pelo cavaquinho urbano, a sua construção e a sua prática. Este movimento para a revitalização do instrumento que terá começado em 2008, com a apresentação pioneira de Pedro Caldeira Cabral no Auditório do Museu da República e Resistência (Bastos 2018: 20),⁹³ produziu já em Lisboa uma réplica do cavaquinho da autoria de Jeronymo José dos Santos que se encontra no museu de Boston, e que faz parte do património da Associação Cultural Museu Cavaquinho.⁹⁴ Por certo muitas outras iniciativas se seguirão.

n.b.

Tanto quanto sei, a vasta maioria das referências aqui apresentadas nunca foram antes citadas num estudo relativo ao cavaquinho urbano praticado e construído em Lisboa.

Todas as imagens foram transformadas em preto e branco, e algumas das imagens foram enquadradas de modo a proporcionar uma melhor leitura.

Muitas das fotografias de rótulos são provenientes de vários *sites* da Internet, estando assinaladas aquelas que foram disponibilizadas por pessoas individuais.

⁹² *Preços Correntes/ Armazem e Officina de Instrumentos Musicos de Luiz Ferreira & C.^a/ Catalogo Geral. Lisboa: Typographia Artistica, 1901 (p. 14).* Catálogo gentilmente disponibilizado por Jael Palhas.

⁹³ Bastos, Paulo Jorge Rodrigues. 2018. “Cavaquinho Português em Performance Solo”. Tese de Mestrado. Departamento de Comunicação e Arte, Universidade de Aveiro (p. 20).

⁹⁴ Ver pp. 20-21. A réplica foi obra do guitarrista Óscar Cardoso; o penúltimo nesta página: [Link](#)